

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Cultura

Dimensão: 2002

Imagem: S/Cor

Página (s): 40/41



D Mais // Entrevista

## Rosa Montero. “Em cada livro tento acalmar um pouco mais as feridas da vida”

Primeira mulher a receber o Nobel, Marie Curie impôs-se no mundo da razão e, de coração aberto, escreveu um comovente diário quando ficou viúva. Quando a escritora espanhola perdeu o marido, encontraram-se as duas

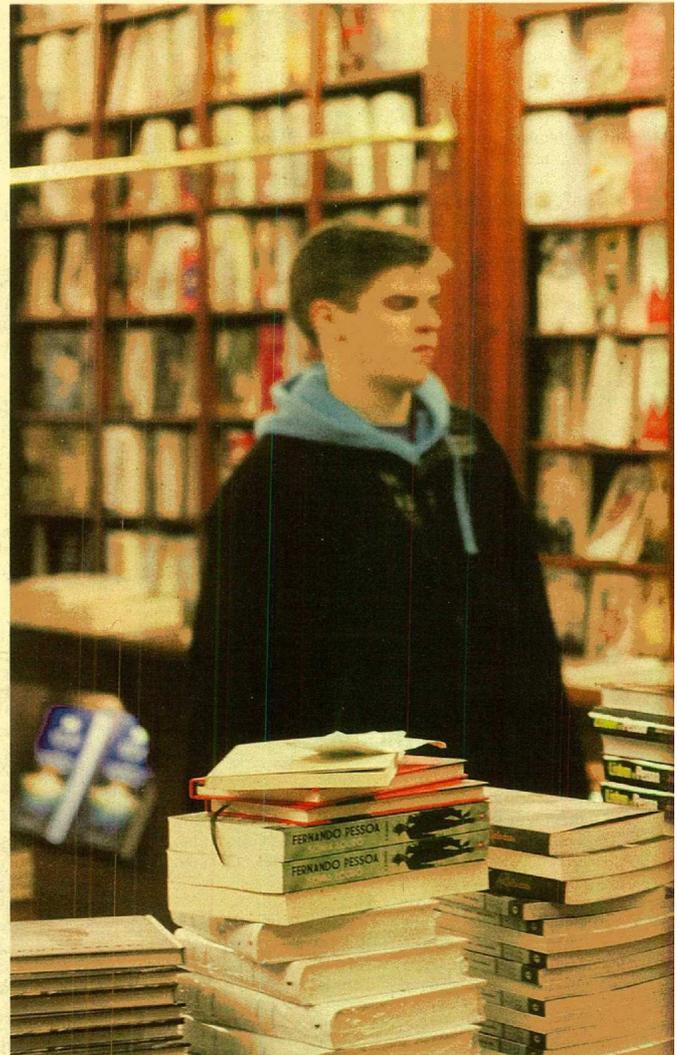
MARIA RAMOS SILVA  
mariarsilvas@ionline.pt

Estivemos a ponto de perder esse vulto da física e da química num século interdito ao génio das saias. Pioneira da radioactividade, Marie Curie vingou entre homens, leu muito, escreveu muito e bem, desabafou a mágoa de um luto demasiado precoce num diário, e serviu de máscara a Rosa Montero quando a jornalista e escritora perdeu o marido, Pablo, em 2009. “Quantas Marie Curie não tiveram essa força... Começo agora a separar-me dela”, diz a autora espanhola, de passagem por Lisboa para falar da vida, essa arte mais engenhosa que todas as mortes juntas.

Em “A Ridícula Ideia de não Voltar a Ver-te” reflecte sobre a condição humana, e a feminina, em particular, marcada por tópicos como #ambição e #culpa. Como imagina Marie Curie num mundo hashtang?

É difícil saber, mas penso que teria uma vida muito mais feliz, muito menos dura. O que me dá pena, depois de todo o assombro e admiração, é tudo o que teve de passar para construir esta vida. Estou certa que nos nossos dias poderia ter desenvolvido todo o seu potencial. Também o fez na altura, mas agora fá-lo-ia de uma forma menos dolorosa e amarga. Vemos as fotos, o facto de não sorrir em nenhuma, a relação que construiu com as filhas. Foi uma vida muito dura, heróica.

Uma mulher que abre o coração nos seus diários mas nunca se manifesta muito sobre os desafios laborais que enfrenta num mundo de homens. Nunca fala disso, mas compreendo-a. Era uma feminista a seu modo, e seria muito desagradável pôr-se no papel de vítima. Seria atacada por todos. É uma ati-



tude sã e normal não falares quando estás realmente no papel de vítima, senão perdes tempo e energia e não consegues seguir em frente. Pode fazer isso quem já não está nesse papel tão frágil. Ai sim, posso dizer que continuam a discriminar as mulheres. O Prémio da Crítica em Espanha é ridículo; entre 60 e tantos só o deram a duas mulheres. Podemos dizer isto hoje, porque devemos fazê-lo, porque temos suficiente força para o dizer. Mas ela era realmente uma vítima; necessitava de reunir energia para combater todos os dias. Se se metesse nisto, perdia toda a sua força. Escolheu bem as prioridades.

Quando se cruza com ela pela primeira vez?

Pensava que conhecia a sua vida. Há um livro, “Histórias de Mulheres”, também traduzido em português, de biografias, em que a mencionam no prólogo. Quando a minha editora me enviou o pequeno diário de luto de Marie Curie, porque queria que eu escrevesse um prólogo para uma colecção, de repente dei-me conta de que havia uma outra Marie Curie. Apa-

xonei-me por aquela loucura e falta de contenção. E percebi que a personagem de Curie podia servir-me para projectar sobre ela, como se fosse um ecrã, ou usá-la como uma máscara, para poder reflectir literária e emocionalmente sobre uma série de pensamentos e reacções que nos últimos dois anos me andavam a dar voltas à cabeça. Depois da morte do meu marido entrei numa dessas fases em que paras e confrontas toda a tua vida. Que estou a fazer? Que sentido há aqui? São perguntas básicas, para homens e mulheres, que todos em algum momento fazemos. Foi um recurso; ela dava-me bola e eu devolvia.

Um recurso que ganhou vida própria na história?

Comecei a estudá-la e fiquei atónita. A sua vida real não tem nada a ver com a vida oficial que conhecemos. É muito mais louca e desequilibrada e heróica do que imaginamos. Por outro lado, entrei nesta vida como se fosse uma personagem dos meus romances, sem alterar os dados documentais. Tentei entender como se vivia a vida a partir desta



“A Ridícula Ideia de não Voltar a Ver-te”

Rosa Montero  
Porto Editora  
Preço: 14,40€

História, memória, biografia, diário. A autora de “A Louca da Casa” cruza registos, conquistas e dores, resgatando a figura apaixonante da física e química de origem polaca Marie Curie

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Cultura

Dimensão: 2002

Imagem: S/Cor

Página (s): 40/41



Aos 64 anos, Montero lança o próximo livro em Fevereiro, em Espanha, para resgatar a personagem da detective Bruna Husky e situar-nos numa Madrid futurista. "Tenho a sensação que é uma das minhas melhores histórias"

MANUEL VICENTE

mulher. É esta personagem que acaba por me contar como as coisas são, numa aproximação novelesca. Não percebo como a outros biógrafos escaparam certos aspectos. Era obviamente anoréctica, mas ninguém o disse. E há um coro geral de cientistas que defendem que ela foi revolucionária na primeira parte da sua vida mas mais tarde deixou de ser um génio competitivo.

**Encontrou outra explicação.**

Durante anos, uma teoria machista explicava isso com a morte do marido, Pierre Curie. Mas é falso. A sua grande descoberta foi o rádio, depois deixou de estar na vanguarda da ciência. É esse o motivo do eclipse. Quando descobre o rádio, envia uma carta ao pai a contar isto. O pai responde algo como: "Bom, menos mau, porque com todo o trabalho que tens ainda bem que descobriste o rádio. Que pena que não sirva para nada." Morre pouco depois, sem poderem discutir isto. Marie deixou de ser uma cientista de primeira linha porque passou o resto da vida a tentar encontrar aplicações práticas para o rádio, para demonstrar ao

falecido pai que estava equivocado. É fascinante dar conta disto.

**Mexer numa personagem tão forte apaziguou-a ou atormentou-a ainda mais?**

Escolhi esta mulher não só por me ser útil como máscara, mas porque nos assemelhamos em muitas coisas, com uma diferença abissal em tudo, claro. Ela é um milhão de vezes melhor que eu em

**"Quando o meu marido morreu entrei numa dessas fases em que confrontas a tua vida. Que sentido há aqui?"**

Quando Marie descobriu o rádio, escreve ao pai. "Pena que não sirva para nada", responde-lhe ele

tudo. Mas buscas personagens que se manifestam de maneiras extremas.

**Em que se aproximam mais?**

Era muito obsessiva, tal como eu, perfeccionista; o sentimento de culpa, a mescla entre independência e necessidades afectivas. Montes de coisas. Sou também muito racional e apaixonada. Até uma certa tendência para o desequilíbrio. Aos 16 anos já era depressiva, tinha ataques de angústia. É um pouco como se passa nos meus romances. Não sinto que este livro seja mais íntimo que outros, ou que seja mais revelador. Os meus romances também são reveladores; estamos a falar do meu inconsciente mais profundo.

É curiosa, e já falou sobre isso, a coincidência de ter lançado "Instruções para Salvar o Mundo" [a história de um taxista que descobre que a mulher tem cancro] poucos meses antes de o seu marido receber o mesmo diagnóstico. Sim, é impressionante. Publiquei esse livro em Maio e em Julho o Pablo descobriu o cancro. Sem saber, há essa coincidência, e nessa livro conto de facto coisas minhas muito profundas. Este livro

não é mais directo. Emocionam-me todos os livros que escrevo, por igual.

**Na crítica ao livro, o "El País" advertia os leitores: "Não espere um mar de lágrimas." Esforçou-se por contrariar o choro fácil?**

Bom, há gente que me diz que chorou a ler o livro, de emoção. Há imensas pessoas que me confessaram que tinham medo de o ler no começo, porque tinham acabado de perder o marido, e que tinha ajudado muito. Muitos escreveram-me também a falar dos seus mortos. O mais extraordinário é que não relatavam histórias tristes, antes episódios antigos, que celebravam o amor, a vida. Coisas importantes, bonitas, passadas durante a doença, ou anteriores. O livro funcionou como um espaço para estas pessoas recuperarem uma certa zona escondida da dor que de outra forma ficaria em silêncio. Dentro da dor há momentos de luz e penso que os ajudou a libertar essa luz. É esse o fim da arte, como dizia Braque, que cito. "A arte é uma ferida transformada em luz."

**Em algum momento receou que se apedasssem da Rosa, que o sentimento de pena se apoderasse do leitor?**

A pena faz parte da vida, mas aqui queria dar um sentido. Vivemos para narrar e escrevemos para dar um sentido ao mal e à dor. São insuportáveis, e é terrível que não encontremos sentido para eles. O esforço de todo o ser humano é dar sentido ao mal e à dor. Passamos a vida a tentar isso.

**Sente que o tratamento do luto, do ponto de vista literário, se encerra aqui?**

É uma aproximação literária muito válida, penso. O próximo romance sai em Espanha dentro de quinze dias. Em cada livro se tenta, de forma distinta, andar um pouco mais, acalmar um pouco mais as feridas da vida.